



IV Colóquio de História da Educação

A ESTÉTICA CORPORAL NO ESPAÇO ACADEMIA: DISCUSSÃO E REFLEXÃO

Arte, cultura e educação: identidade e memória.

Francine Costa De Bom, costafrancine@hotmail.com

1 Introdução

Na sociedade atual o corpo tem recebido um tratamento maquínico na sua essência por meio de transformações no campo da identidade sexual e da forma física. A acessibilidade para as mutações no corpo físico possibilitam o alcance do homem ao seu plano de corpo ideal, que habita o seu imaginário.

As academias de ginástica espalhadas pelo mundo abrigam certa quantidade de pessoas que caem nas amarras da cultura *body building*, que tem suas raízes no pensamento e na história dos gregos, que cultuavam corpos anatomicamente construídos para igualarem-se aos deuses. Nesses espaços a construção do corpo possui uma relação direta com a aprovação das exigências sociais numa relação de poder, que determina padrões corporais, utilizando a mídia como uma espécie de vírus que contamina o imaginário do homem.

A busca pelos padrões corporais permeia o alcance do ser mais belo. Essa beleza que habita o imaginário dos homens é subjetiva justamente pelo fato de estar nesse plano de ideias que o outro não consegue apalpar, e que só é passível de compreensão quando essa ideia se materializa.

As transformações do corpo podem ser consideradas arte? Ou é apenas fruto de uma representação social? É exatamente nessa retórica que o presente estudo se concentra. Para tanto foi utilizado uma abordagem bibliográfica, sobretudo em FOUCAULT (2011), LOWEN (2002), NUNES (1999) e VILLAÇA e GOES (1998).

2 O Corpo

A possibilidade de chegar ao belo é vista como um troféu da vitória a favor das metas determinadas pela sociedade atual. Os padrões de beleza física oscilam entre a magreza exagerada da tribo da moda, os músculos delineados das dançarinas de grupos musicais e atrizes de novela. Os corpos físicos propostos como padrões de belo trazem a ideia da perfeição.



IV Colóquio de História da Educação

Segundo Villaça e Góes (1998), a palavra perfeição nesse sentido acaba igualando-se a imperfeição. Essa última significando o ser inacabado como busca de mais humano leva a constante busca da perfeição que seria o ápice, o ponto final.

A perfeição desse corpo belo já esteve inserido na história do ocidente como fonte de atenção e fascinação, já foi adornado, mutilado, mortificado, referenciado, uno e interpretado no imaginário pela arte, de forma obscena pelo pedaço de carne até a imagem de um espírito humano. Isso é fruto da dicotomia corpo/alma que surgiu na Antiguidade e ainda permanece ainda hoje.

A partir das décadas de 30 e 40, esse corpo higienizado cai nas amarras da dominação. Instala-se a necessidade de organização social, a eugenia é marca presente nesses períodos, na busca de uma raça única fisicamente, na qual as características físicas lhe conferiam maior intelectualidade e maior inteligência. Hitler traçava essa ideia eugênica.

Michel Foucault (2011, p.145) corrobora em relação ao corpo higienista e dominado:

Em compensação, é o corpo da sociedade que se torna, no decorrer do século XIX, o novo princípio. É este corpo que será preciso proteger, de um modo quase médico: em lugar dos rituais através dos quais se restaurava a integridade do corpo do monarca, serão aplicadas receitas, terapêuticas como a eliminação dos doentes, o controle dos contagiosos, a exclusão dos delinquentes. A eliminação do suplício é, assim, substituída por métodos de assepsia: a criminologia, a eugenia, a exclusão dos “degenerados”.

O corpo dominado descrito por Foucault com propriedade permanece vivo até o presente. A dominação exercida pelas instituições estabelecendo uma relação de poder aparece também na produção de desejos e necessidades frente às tecnologias atuais.

Os desejos e necessidades são produzidos freneticamente pela sociedade do consumo, a partir da década de 80 quando; de acordo com Villaça e Góes (1998); o corpo higienizado, dominado e visto de forma setorizada, compartimentada rompe paradigmas e passa a ser tratado a partir de uma visão antropológica global, que considere o corpo imerso na difusão do saber e da informação, numa tecnologia que ultrapassa a ciência.



IV Colóquio de História da Educação

A sociedade atual é a sociedade do consumo, instalada numa cultura de consumo que além de criar necessidades e desejos, cria uma vasta gama de opções para a produção da estilização de si. Instala-se a subjetividade do corpo que pode conter agenciamentos de ordem biológica, social, maquínica, gnosiológica e imaginária. (VILLAÇA e GÓES, 1998).

O corpo assume uma visão global e subjetiva capaz de expressar seu interior no seu exterior, sem desconsiderar as forças sociais que o determinam, funcionando como uma mão cega: seja diferente: seja igual! (VILLAÇA e GÓES, 1998).

Para Schiller, apud NUNES, 1999 o conceito de expressão é um dos mais importantes na definição da estética moderna, na busca de explicações quanto à natureza das obras de arte.

A expressão seria o entorno, a base, ou até mesmo a essência da aparência, pois ali está o que se quer representar, munidas da beleza subjetiva e da forma estética. Não é à toa que a palavra forma está corriqueiramente associada ao corpo belo e ao perfeito. Corpo esse que expressa algo.

Assim, no século atual, a mutação e a performance são as características da expressividade do corpo. O questionamento que permeia tal expressividade agora é outro; segundo Villaça e Góes (1998) seria como modificar o corpo e até quando.

3 O Espaço Academia

O tempo e o espaço sofrem mutações que influenciam a percepção do corpo enquanto cultural ou biológico, produzindo nele subjetividades incontroláveis. O espaço funciona como uma estrutura interna do indivíduo e não pode ser pensado como algo exterior a ele na sociedade contemporânea. É exatamente partindo desse ponto que se instala a subjetividade. (VILLAÇA e GÓES, 1998).

Mesmo que o corpo esteja inserido num espaço objetivo; apocalípticos, artificiais, cidades; aos poucos a concretude do espaço vai dando lugar a subjetividade das percepções do sujeito, com seus corpos ali inseridos. Merleau- Ponty apud Villaça e Góes (1998) corrobora ao afirmar que o espaço é antropológico, ou seja, onde o espaço é existencial e a existência é espacial. De cada espaço e em cada espaço as experiências vivenciadas serão distintas.



IV Colóquio de História da Educação

As academias de ginástica são, portanto, espaços produtores de subjetividades que influenciam na construção estética corporal dos indivíduos, já que os mesmos procuram esses lugares para alcançar o padrão estético desejado.

3.1 Narcisismo, *body building* e a tipologia dos corpos.

Na sociedade contemporânea e pós-moderna a mutabilidade e a performance do corpo podem ser encontradas no que Villaça e Góes (1998) denominam de *body modification*, ou seja, o corpo modificado que passa a problematizar as fronteiras entre o feminino e o masculino, mescla as identidades étnicas e desconstrói as dicotomias que ancoravam as categorias identitárias. O desejo de transformar-se nos tempos atuais mistura arte, técnica e denúncia, que problematizam os lugares dessa arte. A moda *drag queen* é um exemplo sintomático desse desejo.

Dentre as várias formas de modificar o corpo, o estudo concentrou-se no culto ao corpo físico. A busca pelo corpo delineado em curvas. A busca pela estética corporal perfeita no espaço academia.

Segundo Lowen (2002) o narcisista é um negador de sentimentos que constrói uma imagem de si, vivendo preso a ela, desenvolvendo uma insatisfação eterna com a imagem real que ele enxerga diante do espelho. Ele vive para a imagem idealizada e mantém uma busca pela perfeição muitas vezes exacerbada.

O corpo narciso, portanto, é muito comum no espaço academia no qual a construção desse corpo está presa a uma imagem idealizada que é influenciada pela sociedade do consumo. A sociedade contemporânea. (VILLAÇA e GÓES, 1998).

O comportamento narciso influenciado pela sociedade do consumo; segundo Lowen (2002); encontra-se numa zona de conforto por adequar-se a superficialidade moderna munida de valores associados à aparência do ter posses e do ser belo padronizado. Para o autor as pessoas que não se utilizam desse corpo narciso são aquelas que encontram dificuldade em adaptar-se na sociedade do consumo.

4 Arte e Corpo

Na dimensão do fazer a arte traduz a capacidade de transformação da matéria oferecida pela natureza e pela cultura, dando-lhe originalidade, que levarão as



IV Colóquio de História da Educação

dimensões do conhecer e do exprimir. O fazer do artista é capaz de transformar a realidade que o cerca na obra, lançando o seu pensamento, as suas convicções. (BOSSI, 1986)

Na representação da obra seja por projeção ou por abstração, a beleza que surge da aparência dada pela forma no jogo estético entre o artista e o contemplador, está inserida a arte de expressar algo.

Na obra de arte está incutida, portanto, uma forma de expressão que segundo (Nunes, 1999 p. 72) “[...] são o conjunto de efeitos exteriores da consciência, efeitos esses que são sintomas de processos interiores ou sinais de estados psíquicos, sentimentais e emotivos.”.

No viés da expressão, além das obras em pintura, escultura, música e poesia, o corpo também se manifesta como o veículo que traduz esse conjunto de sentimentos imersos no interior do ser humano. Os efeitos exteriores da consciência seriam a vida social que lhe atravessa e que passam a agir no ser humano sob forma de sentimentos, emoções, no seu interior, vindo à tona na arte de expressar.

A arte no corpo atualmente permeia a desestabilização da ordem moderna, de tal forma que a estética no campo das artes direciona sempre os aspectos mais redutivos e “monstruosos” do corpo como a hibridização sexual e o obsceno, o vulgar a fim de provocar a desestruturação estética da burguesia. (VILLAÇA e GOES, 1998).

Considerações Finais

A estética do corpo físico não se finda apenas nas transformações que nele são realizadas. Cada mudança idealizada pelo homem a respeito do seu corpo sofre influência da sociedade em que ele se insere. É possível pensar a partir desse ponto que simplesmente o homem manifesta seus sentimentos e até mesmo o pensamento sobre determinado assunto por meio do corpo.

Se a arte possui a necessidade da expressão e o corpo é um dos veículos, é possível que a construção de um corpo ideal do espaço academia possa ser considerada arte, inclusive pelo fato de que, ao deparar-se com um corpo delineado, totalmente esculpido anatomicamente tal qual a iconoclastia grega, o admirador contempla esse corpo e emite uma opinião sobre uma beleza que é subjetiva. Exatamente como ocorre ao admirar um quando ou um monumento. Nesse sentido o corpo de um fisiculturista,



IV Colóquio de História da Educação

por exemplo, praticante do *body building* é uma obra de arte que causará os diversos conceitos de belo.

Porém, não se podem desconsiderar os reflexos do padrão estético corporal exigido pela sociedade do consumo. Embora seja possível obter uma visão no viés da arte, o homem que constrói seu físico pela fadiga de exercícios intensos no espaço academia está imerso na própria estetização da vida cotidiana que na busca pela realização de uma obra de arte pelo corpo, fica à mercê das patologias que ele mesmo estrutura.

A busca pelo corpo belo esteticamente impulsiona uma imagem corporal quase inalcançável, de modo que o corpo está sempre imperfeito e merece maior lapidação. Retiram-se gorduras, colocam-se próteses, em prol da aproximação com essa imagem.

Essa imagem é a ideal inclusive para melhor aceitação no trabalho, na família, na relação conjugal, justamente porque a sociedade consome esses signos, que se tornam valorosa como uma moeda de troca para a inserção e a aprovação no meio social.

Esse mecanismo de correr em busca da perfeição, impulsionada pelo controle da sociedade do consumo pode ser uma das razões pela busca ao espaço academia quase sempre por obrigação e não por prazer.

O prazer é intrínseco, é algo que lhe dá êxtase, a obrigação gera insatisfação e repulsa. Esse é o jogo dos sentimentos no espaço academia, que inclusive permeia as falas corriqueiras: “Faço porque sou obrigada, o verão está chegando!”, como se fosse determinado legalmente. Esse jogo também pode justificar a rotatividade de pessoas nesse espaço que não consegue permanecer por longo tempo no exercício da construção desse corpo físico. A imagem corporal idealizada para a maior parte das pessoas que passam por esse espaço beira o inalcançável, e quando do contrário, instala-se o viés da arte, admirando aqueles que conseguiram atingir.

A acessibilidade tecnológica para o caminho da construção dos corpos perfeitos e belos alimenta o cenário dos valores efêmeros da sociedade atual, que trata o corpo como um objeto capaz de metamorfoses infinitas, que por sua vez impulsionaram a crescente industrialização e proliferação das cirurgias, equipamentos, tratamentos, equipamentos e medicamentos para fins estéticos corporais.



IV Colóquio de História da Educação

Porém, embora efêmero e metamórfico não se possa retirar o retrato da sociedade atual. Esse é o momento dos questionamentos via corpo que sendo arte, ou na busca pela arte por meio ou no corpo, é uma forma de expressar a o desenvolvimento da sociedade que os próprios corpos construíram no decorrer dos tempos. A liberdade de expressão permitiu que esse cenário fosse construído. Assim, o corpo não expressa apenas uma aparência estética influenciada pelo campo social, mas é também um lugar de fascínio, sedução, criação de alianças, que permitem a discussão, o diálogo entre o indivíduo, o espaço que ele se insere e aquilo que ele deseja comunicar.

Considera-se importante novos estudos de campo com os agentes desse espaço, relatando suas opiniões, seus posicionamento críticos a respeito do que fazem com os seus corpos, elaborando novas conclusões artístico-culturais com maior propriedade.

Referências

- BOSSI, Alfredo. **Reflexões sobre a arte**. São Paulo: Ática, 1986.
- DANTAS, Estélio H.M. **Pensando o corpo e o movimento**. Rio de Janeiro: Shape, 2005.
- FERREIRA, Francisco R. Algumas considerações acerca da medicina estética. **Ciência & Saúde**, Rio de Janeiro, v.1, n. 15, p. 67-76, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 2011.
- LOWEN, Alexander. **Narcisismo. Negação do Verdadeiro self**. São Paulo: Cultrix, 2002.
- NOVAES, J.V. **Ser mulher, ser feia, ser excluída**. Disponível em: <<http://www.psicologia.com.pt>>. Acesso em: 15 out. 2012.
- NUNES, Benedito. **Introdução a filosofia da arte**. São Paulo: Ática, 1999.
- VILLAÇA e GOES, N. F. **Em nome do corpo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.